



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**TEOLOGIA E ESPIRITUALIDADE ECUMÊNICA:
IMPLICAÇÕES PARA O MÉTODO TEOLÓGICO
A PARTIR DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO¹**

*Ecumenical Theology and Spirituality:
Implications of inter-faith dialogue for theological studies*

Claudio de Oliveira Ribeiro²

Resumo: Diante do pluralismo religioso faz-se necessária para a teologia das religiões uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos e da promoção da paz. Tal perspectiva pressupõe que uma espiritualidade ecumênica requer visão dialógica, alteridade, profunda sensibilidade com as questões que afetam a vida humana e inclinação para os processos de humanização. Dessa forma, haverá um favorecimento das perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido na sociedade.

Palavras-chave: Espiritualidade. Teologia das religiões. Método teológico. Ecumenismo

Abstract: In the face of religious pluralism, theological studies should pay special attention to the nexus of varies religious groups' desire for dialogue and the promotion of human rights and peace. Such a perspective presupposes that an ecumenical spirituality requires a dialogical vision, a sense of otherness, as well as a profound sensitivity for the issues that affect humanity and an affinity for the challenges of the human condition. In this way, there would be a preference for a utopian, democratic perspective and partnership within society.

Keywords: Spirituality. Theology of Religions. Theological Method. Ecumenism.

¹ O artigo foi recebido em 01 de março de 2012 e aprovado em 18 de março de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² É mestre e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Tem experiência docente e de pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia teológica, cristologia, ecumenismo, metodismo, pastoral popular, eclesiologia, pneumatologia, ciências da religião e direitos humanos. Atualmente é professor titular de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo/SP, Brasil. Contato: claudio.ribeiro@metodista.br

Introdução

Os meios acadêmicos têm sido cada vez mais desafiados pelos temas relativos à religião especialmente pelas tensões entre a racionalidade moderna e a emergência das subjetividades que marcaram o desenvolvimento do pensamento no final do século XX em diferentes continentes. No campo da teologia e das ciências da religião, um olhar mais detido tem sido crescente no tocante aos desafios que as aproximações entre distintas experiências religiosas têm produzido.

Não obstante o fortalecimento institucional e popular de propostas religiosas com acentos mais sectários e verticalistas, em geral conflitivos e de caráter fundamentalista, o campo religioso tem experimentado também formas ecumênicas de diálogo entre grupos religiosos distintos. Diante desse quadro surgem diferentes perguntas: Como tal realidade, especialmente com suas contradições, incide no quadro social e político? Como elas interferem no fortalecimento de uma cultura democrática e de práticas afins? Qual o papel de uma espiritualidade ecumênica em um projeto de paz e de aprofundamento da democracia para as futuras gerações? Essas e outras perguntas similares não encontram respostas razoavelmente seguras. Há um longo e denso caminho de reflexão em direção ao amadurecimento das mesmas. Os limites de nossa reflexão no momento não possibilitam equacioná-las. Todavia alguns passos precisam ser dados.

Neste texto, propomo-nos apenas a apresentar uma modesta síntese de alguns aspectos da espiritualidade decorrente de uma teologia ecumênica das religiões. Eles, a nosso ver, poderiam suscitar novos referenciais teóricos para se pensar futuramente as relações, complexas por suposto, entre religião e sociedade. Indicaremos como base cinco aspectos que julgamos relevantes para uma espiritualidade de matiz ecumênico que responda, pelo menos em parte, aos desafios de uma teologia das religiões para os nossos dias. Eles são interdependentes e revelam aspectos de um mesmo prisma.

O primeiro deles articula o pluralismo religioso, a capacidade de diálogo e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos, com a pressuposição de que a espiritualidade ecumênica requer visão dialógica e profunda sensibilidade para a valorização da vida e para a promoção da paz. O segundo destaca o valor da mística e da alteridade para os processos religiosos e sociais, dentro do quadro de certo fechamento das perspectivas utópicas e doadoras de sentido e de intensificação de propostas religiosas fortemente individualistas e geradoras de violência. O terceiro aspecto destaca o diálogo ecumênico como afirmação da vida, baseado na tradição da prática de diálogos entre as religiões, onde há implicações concretas no campo da solidariedade, nas experiências de comunhão e de conhecimento mútuo, nos processos de humanização e de busca da paz e da justiça. O quarto aspecto trata da importância do Reino de Deus na reflexão teológica, em especial a perspectiva latino-americana, na qual a centralidade dessa categoria teológica tornou-se referência de vivências religiosas, eclesiais e políticas. Por fim, uma reflexão sobre as implicações para o método teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas. Metodologicamente, recorreremos às indicações de destacados autores cujas características comuns têm

sido a articulação entre reflexão teórica e prática concreta de diálogo inter-religioso e uma preocupação pela espiritualidade como fonte dos processos ecumênicos. São eles: Michel Amaladoss, Maria Clara Bingemer, Faustino Teixeira, José Maria Vigil e Marcelo Barros.

Religiões, diálogo e direitos humanos

A espiritualidade ecumênica, como sabemos, requer capacidade de diálogo e profunda sensibilidade para a afirmação da vida e a para a promoção da paz. Para refletirmos nessa direção, destacamos a contribuição teológica de Michel Amaladoss. Esse autor tem se destacado pelo seu interesse pelas reflexões em torno da espiritualidade ecumênica e pelo diálogo do Evangelho com as culturas e demais religiões. Em relação a esse último tema, o autor apresenta suas principais preocupações e postulados em *Missão e Inculturação* (2000). Para ele, a missão consiste em anunciar o Evangelho que se fez carne em determinada cultura. Mas nem o Evangelho nem as culturas existem por si mesmos. Esses dois polos interagem e, com isso, o Evangelho confere à missão um aspecto profético, compreendido como Reino de Deus, que, por sua vez, requer transformação crescente da sociedade e das culturas nela inseridas. A dimensão profética, que Amaladoss traduz como luta contra Mamon, ainda que assuma inicialmente os aspectos econômicos e políticos, deve ser orientada para uma transformação cultural. Para o autor, do ponto de vista da fé cristã há de se encontrar um caminho alternativo. Para o autor:

Esse caminho deverá ter, entre outras, três características: apoio à vida, experiência de vida em comunidade e consciência da transcendência. Para dar corpo a essas perspectivas, temos necessidade de comunidades contraculturais que às vezes serão “modelos de” e “modelos para” as comunidades do Reino de Deus. Elas não devem ser institucionais, nem liminares. No mundo de hoje, essas comunidades serão inter-religiosas, formadas por pessoas de diferentes credos e ideologias, mas unidas na mesma luta contra Mamon³.

No aprofundamento da questão cristológica, o autor enfatiza algo óbvio, mas que nem sempre está presente nas compreensões religiosas e teológicas do mundo cristão: “Jesus nasceu, viveu, pregou e morreu na Ásia. Contudo, é visto com frequência como um ocidental”⁴. Em *Jesus o Profeta do Oriente: imagem e representação do messias na tradição cristã, hindu e budista* (2009), o autor seleciona imagens de Jesus – o sábio, o caminho, o guru, o avatar, o satyagrahi, o servidor, o compassivo, o dançarino e o peregrino – e mostra o significado delas na tradição religiosa e cultural oriental. Isso deveria levar as pessoas e grupos a conhecerem melhor a Jesus e,

³ AMALADOSS, Michel. *Missão e Inculturação*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 150.

⁴ AMALADOSS, Michel. *Jesus o Profeta do Oriente: imagem e representação do messias na tradição cristã, hindu e budista*. São Paulo: Pensamento, 2009. p. 11.

quando se perguntassem como ele é o salvador, a resposta não seria “uma explicação metafísica da tecnologia da salvação, embora ela possa ser relevante em certas circunstâncias”, mas “como Sua graça salvadora é capaz de transformar nossa vida e nos qualificar para enfrentar desafios”⁵.

Amaladoss considera que a religião e a espiritualidade destinam-se à vida. Ou seja, elas representam a ajuda para que pessoas e comunidades vivam de forma mais adequada e justa a realidade atual. São esses aspectos que o autor apresenta em *O Cosmo Dançante: um caminho para a harmonia* (2007) a partir de um elenco de situações da vida – como o sentido dela, a liberdade, o mal, a interioridade e a consciência, a criatividade humana e outros. Tais situações são vistas dentro de diferentes tradições religiosas, justamente para indicar “um caminho” dialógico que valorize o presente, mas que revele possibilidades para o futuro. Quanto ao futuro, espera-se que ele seja especialmente de harmonia e de paz para o universo, de reconciliação nos conflitos e de construção de relações de amor mútuo e de serviço uns aos outros.

Em *Pela Estrada da Vida: prática do diálogo inter-religioso* (1995), Amaladoss nos mostra que, ao mesmo tempo em que a religião torna-se causa de divisão e conflito entre povos de todas as partes do mundo, ela também abre seus caminhos para o diálogo e para a promoção da paz. O autor considera que esse diálogo é uma incumbência das religiões e que ele precisa ir além da partilha de opiniões e experiências e chegar ao desafio mútuo e à cooperação conjunta tendo vista a construção de uma nova humanidade.

Amaladoss examina os problemas do pluralismo religioso, especialmente no tocante aos símbolos, rituais de cura e automanifestação divina revelada. No caso dos símbolos, eles são vistos como mediadores das experiências religiosas e podem ser canais frutíferos de comunicação entre as religiões se vistos como possibilidade de compreensão da experiência do outro. Para isso precisam ser experimentados por dentro. “Tal cruzamento de fronteiras não nos destrói a identidade, mas aprofunda-a porque os símbolos do outro não tem a mesma significação fundadora que os nossos. Eis porque o diálogo inter-religioso, em especial quando atrelado a uma ação comum em prol da justiça, inevitavelmente levanta a questão do compartilhamento do culto ou da ação simbólica”⁶. O autor também destaca a natureza social do ritual religioso e as implicações das práticas conjuntas de oração e de ação de membros de diferentes religiões.

O autor mostra-nos que o diálogo inter-religioso não precisa se restringir a especialistas, mas pode igualmente ocorrer nas camadas populares. Nesse campo, não se pode menosprezar o valor e o significado das curas e dos milagres e como eles revelam fontes genuínas de espiritualidade, quase sempre provenientes de distintas tradições religiosas. O pensamento moderno não pode ser refém da lógica meramente racionalista e também não precisa abdicar dela. Mas, ao se abrir para o mistério na

⁵ AMALADOSS, 2009, p. 187.

⁶ AMALADOSS, Michel. *Pela Estrada da Vida: prática do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 42.

vida e ao perceber que o compromisso de fé em relação a Deus está integrado aos fatores psíquicos, físicos, sociais, culturais e religiosos, é possível perceber a presença de Deus além de uma religião específica. Como exemplifica o autor:

o processo de oração em comum deve conduzir não a uma equalização das experiências em termos matemáticos, mas a uma valorização mútua, que lhes confirme sua identidade na diferença. Um encontro assim na oração é talvez não apenas irênico, mas também mutuamente profético. Essa interação profética ocorre talvez, de modo especial, na leitura comum de cada Escritura e na reflexão sobre elas, porque em particular as Escrituras são narradoras da experiência do encontro divino-humano. O ato de se ler as Escrituras em comum é diferente de se ler as Escrituras das outras religiões como um elemento do próprio culto de cada um. Neste último caso, a outra Escritura é interpretada no contexto geral da tradição própria de cada um. Todavia, na leitura comum, cada fiel interpreta sua Escritura e o que temos é um desafio e uma inspiração mútuos, num contexto pluralista⁷.

Do ponto de vista pastoral, Amaladoss reafirma que as religiões em geral e as igrejas cristãs em particular, são desafiadas ao protesto contra todas as formas de discriminação e ao incentivo à reconciliação e ao sentido de comunidade no mundo. Elas devem igualmente contribuir para consensos públicos e debates regionais e nacionais que podem formar a base de uma comunidade maior de liberdade, igualdade, fraternidade e justiça. É fato que o vínculo entre religiões e direitos humanos na atualidade é bastante ambíguo e complexo. As interfaces entre religião e cultura, por exemplo, não podem ser desprezadas nas análises. Não basta meramente condenar as formas fundamentalistas, pois elas possuem raízes mais vigorosas e na maioria das vezes com significado social profundo. No caso de movimentos fundamentalistas contemporâneos no islã, por exemplo, muitos têm sido vistos como reação defensiva aos impactos da cultura ocidental, percebida como destruidora de valores sociais e religiosos. Algo similar pode se dizer sobre o conversionismo exacerbado de grupos cristãos, que gera uma identidade rígida, mas forma um sentimento de pertença em um mundo de despersonalização e anomia. Talvez uma comunicação mais dialógica entre as religiões pudesse contribuir para que todas identificassem suas próprias limitações e se voltassem, assim, para a promoção dos valores humanos e para o bem-estar de todos.

O valor da mística e da alteridade

A explosão mística e religiosa vivenciada no final do século XX e na primeira década do XXI em diferentes continentes e contextos socioculturais revela, entre outros aspectos, um esgarçamento da razão moderna como fonte de sentido para a humanidade. Ao mesmo tempo, a sempre referida falência dos projetos utópicos globais leva, a nosso ver, contingentes expressivos da população a buscarem formas

⁷ AMALADOSS, 1995, p. 89.

intimistas e privatizadas de expressão religiosa, o que inibe formas de vivência social e religiosa marcadas pela alteridade.

Para refletir sobre o valor da mística e da alteridade, dentro dos marcos de uma espiritualidade ecumênica, consideramos que as indicações teológicas de Maria Clara Luchetti Bingemer são substanciais e relevantes. A autora, a partir do aspecto pneumatológico, já estruturara sua reflexão sobre o diálogo inter-religioso quando contribuiu para um dos marcos desse tema no Brasil, que é a obra organizada por Faustino Teixeira *Diálogo de Pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso* (1993). Nela, a autora indicou “A Pneumatologia como possibilidade de diálogo e missão universais” (p. 111-121), ao destacar que salvação é um dom do Espírito para toda a criatura e que a presença do Espírito de Deus dentro dos seres humanos “altera e afeta suas mais profundas e essenciais categorias antropológicas constitutivas, subvertendo radicalmente os fundamentos do seu ser”⁸.

Bingemer tem dedicado muitos esforços para a compreensão do fortalecimento das experiências religiosas naquilo que ela por diversas vezes chamou de “sedução do sagrado”. Isso conferiu à autora o interesse pelos temas da alteridade, da existencialidade e da mística, pela busca de interfaces mais plurais, como religião e literatura, e as relações entre religião, antropologia e política. Este último tema teve de Bingemer muita atenção. Em suas pesquisas, procurou evidenciar o nexos entre violência e religião, herdado de longas tradições culturais e religiosas e que ainda marca os tempos atuais. Não obstante ficam indicados elementos dentro das próprias dinâmicas e conceituações religiosas que são geradores da paz. Daí surgem diferentes desafios e possibilidades. O mais fecundo é o da “escuta”; saber ouvir o diferente. Trata-se da “tentativa de nos submeter à verdade onde quer que ela se encontre, aceitando o pluralismo de perspectivas e de nomes, quaisquer que eles sejam e onde quer que pulse o coração da vida. Esta missão é ‘sair’ da violência mimética e redutora da alteridade do outro e entrar numa dinâmica de paz polifacética e plural”⁹.

Em *Faces e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado* (2002), Bingemer apresenta, a partir do ponto de vista da teologia cristã, um balanço da pluralidade religiosa vivida nas tensões tanto em relação ao processo de secularização como em relação à convivência conflitiva das diferentes religiões. O pressuposto das reflexões é que a vivência atual, bastante distinta das gerações passadas, é forjada no contexto de cruzamento e interação de ateísmo, descrença e indiferença religiosa, por um lado, e o fortalecimento de várias experiências religiosas, antigas e novas, por outro.

Uma das questões apresentadas pela autora é se a secularização é inimiga ou amiga da fé. Para respondê-la, Bingemer mostra como no próprio contexto da fé judaico-cristã já se encontra uma interface com uma visão “mundana do mundo”, onde a experiência religiosa não se impõe como compreensão unívoca, mas dirige-se a uma emancipação do ser humano em relação à religião. Isso se dá de variadas formas

⁸ TEIXEIRA, Faustino do Couto (Org.). *Diálogo de Pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 114.

⁹ BINGEMER, Maria Clara Luchetti (Org.). *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo – três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC Rio, 2001. p. 288.

como, por exemplo, o valor da dimensão humana e histórica no processo de encarnação, o plano das lutas pela justiça e pelos direitos que, mesmo sendo sagradas, são travadas na secularidade, a importância da criação que, embora tenha uma interpretação religiosa, pois é de Deus, possui sua realidade terrena, imanente. Trata-se, portanto, de uma interpretação positiva dos processos de secularização que veem a emancipação humana não como o “crepúsculo de Deus”, mas como reforço ao que já está presente na revelação bíblica.

Na mesma direção, a autora pergunta se a emancipação humana significaria o crepúsculo de Deus. Isso possibilita mostrar uma face negativa que o contexto de modernidade e secularização produziu. Para Bingemer, esses contextos “embora pretendam emancipar-se de toda e qualquer divindade imposta e/ou institucionalizada, criam seus próprios deuses, diante dos quais é obrigatório curvar-se e a cujas leis se deve obedecer. Alguns desses novos deuses constituem verdadeiras idolatrias que interpelam profundamente a fé trinitária”¹⁰. Residem aí a “vendabilidade” de todas as coisas, que é o deus mercado, o culto à personalidade, o progresso visto como primazia em relação ao humano, o utilitarismo nas relações humanas, e o poder e o prazer desprovidos de alteridade e de sentido. Dessa forma, tanto os processos modernos de emancipação humana como as experiências religiosas podem se encontrar na busca de caminhos frente à vulnerabilidade das pessoas e de grupos diante desses novos deuses e ídolos ou também frente à perplexidade que o novo e complexo quadro religioso apresenta.

A adesão à fé é, sem dúvida, uma escolha livre. Mas essa escolha comanda toda experiência religiosa e toda teologia cristã autêntica. E a fé em Jesus Cristo não é fechada, mas aberta; não é mesquinha, mas possui dimensões cósmicas. A teologia das religiões da humanidade que a fé em Jesus Cristo funda estabelece, na escala do cosmo, uma maravilhosa convergência no mistério do Cristo, de tudo que Deus em seu Espírito, realizou ou continua a realizar na história da humanidade.¹¹

Diante dessas e de outras questões, Bingemer indica os traços de uma sacralidade para os tempos difusos e confusos em que se vive hoje.

Interpelada por essas múltiplas interfaces, a experiência mística tal como o cristianismo a entende, no fundo não é senão a experiência do amor e da caridade que revolve as profundezas da humanidade pela presença e pela sedução da alteridade. Quando a alteridade é a religião do outro, há uma interface a ser explorada e todo um caminho a ser feito em direção a uma comunhão que não suprima as diferenças, enriquecedoras e

¹⁰ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Fases e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado”. In: LIMA, Degislano & TRUDEL, Jacques (Orgs.). *Teologia em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 303.

¹¹ BINGEMER, 2002, p. 318-319.

originais, mas que encontre, na sua inclusão, um “novo” no qual se pode experimentar coisas novas suscitadas e propiciadas pelo mesmo Deus.¹²

A valorização da pluralidade religiosa, a recuperação do sentido espiritual da gratuidade, a crítica às formas de dogmatismo, o interesse e inclinação para se repensar categorias filosóficas e teológicas tradicionais, a interface com as ciências e com a espiritualidade, a abertura à sedução gratuita do sagrado como possibilidade amorosa e realizadora, o diálogo com tradições religiosas diferentes formam placas de um caminho “que necessita ser reinventado a cada passo”.

O diálogo ecumênico como afirmação da vida

Na tradição da prática de diálogos entre as religiões, como se sabe, há implicações expressas de partilha de vida, experiência de comunhão e conhecimento mútuo, dentro de um horizonte de humanização, de busca da paz e da justiça e de valorização e afirmação da vida, considerando as exigências concretas que tais dimensões possuem. Para refletir sobre tais implicações, recorreremos ao teólogo Faustino Teixeira, uma vez que ele possui longa experiência de acompanhamento da experiência religiosa de diferentes grupos. No campo popular, o referido autor vivencia desde vários anos a riqueza do itinerário espiritual das comunidades eclesiais de base, conhecendo o cotidiano delas, assessorando eventos e produzindo um extenso e denso material histórico, sociológico e teológico a respeito delas.

O interesse pelas religiões, igualmente, não se restringe à dimensão da pesquisa, mas Faustino caminha por trilhas as mais diversas para descobrir os lampejos de espiritualidade presentes nas religiões e como elas se aproximam na prática do diálogo e da cooperação mútua.

Teixeira foi um dos pioneiros do debate sobre as questões inter-religiosas no Brasil. É referência para muitos grupos o texto que ele organizou ainda na primeira metade da década de 1990 apresentando e debatendo aspectos teóricos e práticos do diálogo ecumênico inter-religioso: *Diálogo de Pássaros: nos caminhos de diálogo inter-religioso* (1993). Reconhecendo que a teologia das religiões se desenvolvera mais intensamente no exterior, o autor apresenta à comunidade teológica brasileira autores como Claude Geffré, Jacques Dupuis e Michael Amaladoss, que, ao lado de brasileiros, traçam um perfil esclarecedor do tema e indicam a emergência de novos paradigmas teológicos diante do pluralismo religioso. Essa iniciativa foi movida, entre outros fatores, por significativas experiências ecumênicas da época, como o encontro de um número expressivo de pessoas de várias religiões na Conferência das Nações Unidas sobre Ecologia e Desenvolvimento, a ECO 92, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, e a Assembleia do Povo de Deus, que reuniu grupos ecumênicos, no mesmo ano, em Quito (Equador). Como aprofundamento das reflexões, Faustino Teixeira reuniu

¹² BINGEMER, 2002, p. 320.

didaticamente elementos explicativos do debate e suas principais correntes e autores em *Teologia das Religiões: uma visão panorâmica* (1995). Poucos anos mais tarde, organizou outra obra, dentro de propósitos semelhantes à primeira, que busca o sentido mais amplo do encontro das religiões especialmente na defesa da vida e no cultivo da tolerância entre as religiões e culturas. Trata-se de *O Diálogo Inter-religioso como Afirmação da Vida* (1997).

Teixeira tem-se dedicado com especial zelo aos temas relativos à mística. Com eles vem a sinalização da importância da gratuidade, do desapego e da abertura ao outro. Os títulos de duas obras que organizou, sob um olhar multidisciplinar, expressam o fundamento místico que transporta as pessoas e comunidades para dimensões profundas de humanidade, que se contrapõem ao endurecimento e frieza da cultura materialista e consumista da sociedade contemporânea: *No Limiar do Mistério: mística e religião* (2004) e *Nas Teias da Delicadeza: itinerários místicos* (2006). Faustino Teixeira é um divulgador entusiasta dessa sensibilidade especial pelo outro, em alteridade, oração e diálogo, encontrada em meio às mais diversas experiências religiosas.

No livro *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível* (2008), Faustino Teixeira divide com Zwinglio Dias um conjunto de reflexões sobre a prática ecumênica. Dias aborda a trajetória do movimento ecumênico, especialmente o universo intracristão e os desafios que o ecumenismo traz para as igrejas e para o conjunto da sociedade. A dimensão inter-religiosa coube a Faustino Teixeira, que apresenta os eixos filosóficos do diálogo inter-religioso e as formas dessa aproximação, entre outros aspectos.

Para Teixeira, como já referido, a prática de diálogo entre as religiões implica partilha de vida, experiência de comunhão e conhecimento mútuo. Ele se dá entre pessoas e grupos que estão enraizados e comprometidos com sua fé específica, mas que ao mesmo tempo estão abertos ao aprendizado da diferença. Para a realização dessa aproximação ecumênica, ele indica cinco elementos norteadores: a consciência de humildade, a abertura ao valor da alteridade, a fidelidade à própria tradição, a busca comum da verdade e um espírito de compaixão.¹³

Há várias formas de diálogo inter-religioso, mas, independentemente delas, a prática dialogal requer um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado. Entre as formas de diálogo se destacam: a cooperação religiosa em favor da paz, os intercâmbios teológicos e a partilha da experiência religiosa, especialmente no âmbito da devocionalidade e da oração.

Os diversos eixos do diálogo inter-religioso são mais bem compreendidos e vivenciados quando banhados por uma *espiritualidade* peculiar, um trabalho interior de desapego e abertura. Como tão bem mostrou Leonardo Boff, é no seio da espiritualidade que “irrompem os grandes sonhos para cima e para frente, sonhos que podem inspirar

¹³ TEIXEIRA, Faustino do Couto & DIAS, Zwinglio Motta. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

práticas salvacionistas”. A espiritualidade relaciona-se a tudo o que tem a ver com a experiência profunda do ser humano, com a “experiência integral da vida”.¹⁴

Teixeira sublinha algumas personalidades, dentro do contexto católico-romano francês, promotoras do encontro dialógico das religiões, a quem chamou de “buscadores do diálogo”. Entre elas estão: Henri Le Saux (1910-1973), monge beneditino que vivenciou forte aproximação com o hinduísmo; Louis Massignon (1883-1962), que estabeleceu um profundo diálogo com o islamismo; e Thomas Merton (1915-1968), místico, intelectual renomado, que dialogou com singular sensibilidade com diferentes religiões do Ocidente e do Oriente.

O texto apresenta ainda dois polos de reflexão, ambos por demais desafiadores. O primeiro trata do lugar do diálogo entre as religiões no processo de globalização, considerando tanto os efeitos positivos – como as facilidades de comunicação, uma nova consciência global e planetária e o pluralismo – como os negativos, como o aguçamento dos fundamentalismos nas várias religiões. Tal contradição reside especialmente na recusa do engajamento comunicativo, por um lado, e pela abertura dialógica, por outro. A primeira opção reforça os tradicionalismos exacerbados em reação às novas sensibilidades e circunstâncias da comunicação dialógica e global, o que gera as mais distintas formas de fundamentalismos. A segunda opção, a do diálogo, impõe-se como desafio criativo e significativo para o futuro do mundo.

O segundo polo diz respeito à espiritualidade e como ela se vincula intimamente à prática do diálogo inter-religioso. Para isso, o autor recorre ao que disse Raimon Panikar:

O encontro das religiões tem uma indispensável dimensão experiencial e mística. Sem uma certa experiência que transcende o reino mental, sem um certo elemento místico da própria vida, não se pode esperar superar o particularismo da própria religiosidade, e menos ainda ampliá-la e aprofundá-la, ao ser defrontado com uma experiência humana diferente¹⁵.

A centralidade do Reino de Deus na reflexão teológica e na prática pastoral

Na tradição teológica e pastoral latino-americana, a centralidade da categoria teológica do Reino de Deus tornou-se ponto fundante das vivências espirituais de diferentes grupos eclesiais e políticos. Para destacar esse aspecto, recorreremos ao teólogo José Maria Vigil. Espanhol de origem, naturalizado nicaraguense e residente no Panamá, o autor construiu seu pensamento em profunda identidade com os desafios políticos e culturais da América Latina. Vigil aprofundou aspectos importantes da teologia latino-americana da libertação como o tema da espiritualidade, por exemplo, em

¹⁴ TEIXEIRA & DIAS, 2008, p. 207.

¹⁵ Apud TEIXEIRA & DIAS, 2008, p. 209.

especial com reflexões e práticas conjuntas com líderes de destaque como D. Pedro Casaldáliga.

A atuação na Associação Ecumênica de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (ASETT), especialmente a direção da comissão teológica, possibilitou a Vigil um aprofundamento e uma produção intensa como campo do que ele mesmo denomina teologia do pluralismo religioso. Nesse contexto, dirigiu com Marcelo Barros e Luiza Tomita a série “Pelos Muitos Caminhos de Deus”, que apresenta, em cinco volumes, as reflexões teológicas latino-americanas sobre o tema das religiões.

Já no primeiro volume da referida série, cujo título é o mesmo, mas com o sugestivo subtítulo “desafios do pluralismo religioso à teologia da libertação” (2003), Vigil trata do tema da espiritualidade e considera aquela que se forja no contexto do pluralismo religioso como uma experiência espiritual emergente e desafiadora.

No segundo volume, *Pluralismo e Libertação: por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã* (2005), aparecerão três significativas contribuições de Vigil. A primeira, chamada “Muitos pobres, muitas religiões – a opção pelos pobres: lugar privilegiado para o diálogo entre as religiões”, enfatiza a vocação teológica latino-americana e a coloca em diálogo com o tema das religiões a partir de três proposições criativas: a) os pobres precisam do diálogo das religiões, b) as religiões precisam dos pobres para dialogar, c) a opção pelos pobres é o aporte principal das religiões abraâmicas ao diálogo inter-religioso. A segunda contribuição é “Macroecumenismo: teologia latino-americana das religiões”, onde o autor analisa as possibilidades e os limites do termo macroecumenismo, bastante usado em círculos pastorais nos anos de 1990. A terceira é “Cristologia da libertação e pluralismo religioso”, quando dialoga com a concepção de Jesus como metáfora (John Hick) ou símbolo (Roger Haight) de Deus e extrai as implicações político-pastorais dessa revisão cristológica.

Em *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação* (2006), que é o terceiro volume da série, Vigil retoma o tema “Por uma espiritualidade pluralista da libertação”, dessa vez destacando que as experiências religiosas precisam ter uma consideração mais humilde de si mesmas, que deve haver uma desabsolutização do cristocentrismo e que o paradigma pluralista faz parte da identidade cristã e não a contradiz, como alguns afirmam.

No quarto volume, *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental* (2008), Vigil aprofunda o tema “Identidade cristã e teologia do pluralismo religioso”. O autor afirma que a identidade é sempre dinâmica e que a fixação oficial da identidade de uma religião é sempre também um ato político de vontade. Isso gera tensões nas interpretações distintas da identidade cristã. Vigil lembra que “a identidade cristã oficial é uma criação humana, é um ato de vontade, é uma decisão institucional; se a oficialidade eclesial não compreende a transformação e o desafio que o pluralismo religioso e sua teologia representam, o conflito é inevitável”¹⁶.

¹⁶ VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 147.

Em *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo* (2006), José Maria Vigil apresenta um roteiro marcadamente didático de uma teologia das religiões com enfoque latino-americano, a começar pela disposição dos conteúdos, que segue a clássica metodologia do ver-julgar-agir. Vigil apresenta também propostas para estudo em grupo, farta indicação bibliográfica e reflexões concernentes ao pluralismo típico do contexto latino-americano marcado pelas expressões religiosas indígenas e negras.

A constatação do autor é que uma nova experiência espiritual é o elemento que está produzindo essa nova consciência ecumênica que surgiu e está se difundindo inesperadamente pela humanidade. Na visão do autor,

as grandes correntes teológicas, os grandes movimentos ou transformações culturais, não se produzem normalmente em resposta a uma idéia de gênio: antes, obedecem às novas vivências espirituais nas quais a humanidade – ou algum segmento significativo dela – percebe-se envolvida. O Espírito move esses fenômenos alentando-os, conduzindo-os, impulsionando-os. E os espíritos mais despertos da humanidade captam os sinais dessa ventania e desdobram suas velas, deixando-se levar por ela.

Estamos vivendo essa nova experiência espiritual. Há um Espírito novo rondando-nos, desafiando-nos, quase que a cada dia, numa multiplicidade de gestos, de reflexões, de novas práticas. Estamos passando por um momento de transformação. Especificamente no contexto cristão estamos na passagem do cristocentrismo ao pluralismo. Há medo, resistência – e ao mesmo tempo atração, clareza, até uma evidência, impondo-se lenta e irresistivelmente. É um *kairós*, um ponto de inflexão importante que introduzirá mudanças muito profundas: uma nova época na sucessão de 19 séculos de exclusivismo eclesiocêntrico e mais um (apenas!) de cristocentrismo.¹⁷

Para interpretar o quadro de pluralidade de religiões e formular uma concepção pluralista, Vigil, em intenso diálogo com John Hick e Andrés Torres Queiruga, apresenta aspectos da teologia cristã favoráveis à uma teologia pluralista das religiões. Um deles é visão jesuânica que destaca as dimensões teo-reinocêntrica e teoprática. Elas relativizam a prática cultural uma vez que a práxis do amor e da justiça, para Jesus, está acima até mesmo do culto e das práticas religiosas e relativizam também a perspectiva eclesiocêntrica. Para o autor, “Jesus não somente não foi eclesiocêntrico, como tampouco foi eclesiástico; nunca pensou em fundar uma igreja, e até se pode dizer que, de algum modo, sua mensagem central implicava a superação daquilo que é uma religião ou Igreja institucional”¹⁸. Para Jesus, o mais importante, o “último” em sentido teológico, é o Reino de Deus, entendido como vontade divina revelada em interação amorosa e salvadora com as pessoas; não um deus “em si”. Não se trata de um conceito, mas, sim, de uma vivência, de um reconhecimento e de opção fundamental do caminho a se seguir na vida. O diálogo ecumênico é visto como parte integrante do Reino de Deus.

¹⁷ VIGIL, 2006, p. 376.

¹⁸ VIGIL, 2006, p. 139.

Outro aspecto é de caráter mais filosófico, embora expresso de forma simples, e está relacionado ao que se consagrou chamarmos de “regra de ouro”: “não façam aos outros aquilo que não desejam que outros lhes façam”. Trata-se do elemento ético nas religiões e que se encontra presente nos textos sagrados das mais destacadas religiões como o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, o budismo, o confucionismo, o hinduísmo, o jainismo, o zoroastrismo. O mesmo ocorre no pensamento filosófico, como expresso, por exemplo, no “imperativo categórico” de Kant, o que mostra ser a “regra de ouro” algo universalmente percebido, o que reforça seu caráter de elemento central de revelação divina. Diante disso, o autor indaga: “se existe esse consenso humano, simultaneamente filosófico e religioso, tão universal, cabe perguntar: não seria possível e conveniente fazer dessa regra de ouro o fundamento certo do diálogo inter-religioso?”¹⁹.

Nas perspectivas práticas apresentadas pelo autor destacam-se, ao menos, três aspectos. Um primeiro é a revisão das práticas históricas e dos fundamentos teológicos da ação missionária, o que o autor denominou “morte e ressurreição da missão”, tendo em vista ações não verticalistas, dialógicas, inculturadas e “inreligionadas” e tendo o Reino de Deus como alvo e parâmetro. Um segundo é o papel das religiões na busca de uma ética mundial em favor da justiça, favorecido e ao mesmo tempo desafiado pelos processos de mundialização. Um terceiro é o cultivo de uma espiritualidade de cunho libertador, aberta à complementaridade, cujo critério hermenêutico é a libertação dos pobres.

Mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas

A relação entre fé e cultura – ou, para ser mais preciso: entre fés e culturas [no plural] – marca os principais debates no cenário teológico, não obstante as diferenças de épocas e de contextos. Trata-se de uma relação extremamente complexa e desafiadora. No caso brasileiro e latino-americano em geral, são diversas as arestas que estão presentes no quadro das relações entre fé e cultura, especialmente pela simbiose das culturas africanas, indígenas e as formas de cristianismos que se tornaram hegemônicas no continente.

Para refletir sobre algumas questões que interpelam o método teológico suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas recorreremos à contribuição de Marcelo Barros. Ele desenvolveu sua vocação em uma diversidade de experiências que oferecem à sua obra uma legitimidade singular. Seja na convivência ecumênica com os irmãos na comunidade de Taizé, seja no trabalho efetuado na companhia de D. Helder Câmara, seja nos serviços a comunidades populares, católicas e protestantes tradicionais e pentecostais, seja no acompanhamento a movimentos sociais e políticos no Brasil e em outros países latino-americanos, seja pela vida comunitária consagrada

¹⁹ VIGIL, 2006, p. 235.

à oração, ao estudo, à acolhida e ao diálogo com pessoas e grupos de outras igrejas, religiões e culturas, o teólogo procurou e procura unir essa vocação pela unidade com a opção pela libertação e pela justiça.

Em sua reflexão ecumênica sobre espiritualidade e diálogo inter-religioso destacam-se as seguintes obras: *O Sonho da Paz: a unidade nas diferenças – ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos* (1996), onde trata do ecumenismo como experiência concreta de homens e mulheres, de comunidades eclesiais e movimentos populares, no seu cotidiano de festas e de lutas por justiça e dignidade. O texto também estabelece um diálogo com as tradições religiosas populares brasileiras, especialmente as de origem indígena e africana, indo assim além do cristianismo. Na mesma direção, destaca-se *A Dança do Novo Tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica* (1997), onde apresenta os princípios básicos da profecia bíblica do jubileu, assim como as indicações práticas e políticas de um projeto de jubileu para o século XXI.

Em *O Sabor da Festa que Renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação* (2009), Marcelo Barros propõe uma mudança de lugar teológico, que inclua a possibilidade de fazer teologia a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas. Trata-se de se articular dois polos de reflexão: a que emerge do ponto de vista da experiência afro-americana e a que se efetua dentro do marco das culturas indígenas, considerando que ambas releem e reinterpretam criativamente e partir de suas próprias experiências e símbolos a perspectiva teológica e religiosa latina da fé cristã.

O referencial hermenêutico dessa visão teológica é o da teologia da libertação e ela se desenvolve a partir do paradigma do pluralismo religioso e cultural constatado na atualidade e assumidamente valorizado. Por essa valorização entende-se o reconhecimento do pluralismo como “dom precioso que enriquece a humanidade e a convida a um aprofundamento espiritual novo e mais profundo”²⁰.

Embebido por um clima testemunhal, as reflexões contidas na obra apresentam aspectos históricos relevantes do contexto de formação das teologias afrodescendentes, em especial suas raízes plurais, com as devidas distinções entre os esforços de se pensar a fé no contexto das religiões afro-brasileiras, por um lado, e no contexto dos grupos cristãos que buscam pensar a fé cristã a partir das culturas negras, por outro, além do relato das aproximações entre esses diferentes grupos. Mesmo com as imprecisões do termo – apresentadas pelo autor – ficam indicadas, por exemplo, as experiências de uma teologia do candomblé e uma teologia da umbanda. A experiência de agentes cristãos de pastoral negra e de círculos teológicos cristãos que buscam uma síntese entre as culturas negras e a fé cristã também é descrita.

Entre as visões teológicas desafiadoras está a de uma cristologia afro-latíndia. Ela mostra, entre outros aspectos, que a redenção acontece não mediante a morte sacrificial de Jesus na cruz, mas que nasce de uma fé confiante e despojada mediante o amor de Deus. “Isso não diminui o valor salvífico da autoentrega de Jesus em seu

²⁰ BARROS, 2009, p. 31.

martírio e da força do exemplo que tem sua paixão. Mas abre a fé cristã a um reconhecimento de uma ação divina muito além do Cristianismo”²¹.

No tocante às questões eclesiológicas, o que fica indicado como valor são formas comunitárias de viver a fé, dentro da referência teológica da libertação, na comunhão com as culturas afro e índia, incluindo o valor que nelas é dado às festas e à preparação e ao desfrutar da comida. Essa perspectiva requer uma mudança profunda na concepção de missão, que passa a ter sua ênfase na forma profética de inserção no mundo, que vive e celebra o testemunho da ressurreição de Jesus no meio dos sofrimentos humanos, sobretudo das pessoas mais pobres, e do martírio constante das comunidades negras e índias. A eclesiologia afro-latíndia fundamenta-se em ser antirracista e antidiscriminatória, comprometida com a justiça e com o respeito das diferenças. Ela é marcada, não obstante o seu caráter militante, pela alegria e pela dimensão lúdica, mesmo em meio ao sofrimento.

Considerações finais

A complexa realidade social e religiosa que hoje enfrentamos, especialmente o pluralismo religioso, desafia fortemente a produção teológica latino-americana. Entre os desafios está a construção de uma lógica plural para o método teológico, o que ressalta ainda mais a importância das questões ecumênicas para as reflexões teológicas atuais.

A partir da contribuição de diferentes autores, procuramos mostrar que diante do pluralismo religioso faz-se necessária para a teologia das religiões uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos, pressupondo que a espiritualidade ecumênica requer visão dialógica, profunda sensibilidade com as questões que afetam a vida humana e inclinação para a promoção da paz. Também indicamos que uma espiritualidade ecumênica que emerge do pluralismo religioso terá como valor a dimensão mística e a alteridade e isso incidirá nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido. Ressaltamos o diálogo ecumênico como afirmação da vida, com as respectivas e concretas implicações no tocante à solidariedade, à comunhão, ao conhecimento mútuo e às iniciativas e projetos de humanização e de justiça social. Destacamos também que a centralidade do Reino de Deus como categoria fundamental no método teológico afirma-se como referência para as espiritualidades ecumênicas e que há implicações importantes para o método teológico quando a realidade das culturas religiosas afro-indígenas é considerada.

Com o texto, procuramos destacar o valor da pluralidade e da ecumenicidade para o método teológico, com vistas a identificar as principais implicações teóricas e práticas da formação de uma lógica plural na reflexão teológica e nas ciências da religião e as consequências disso para o conjunto da sociedade. No caso da teologia

²¹ BARROS, 2009, p. 125-126.

latino-americana, esperamos que a visão panorâmica do pensamento dos autores apresentados possa ter dado uma noção do movimento teológico que hoje se articula em nosso contexto. Há diferentes grupos, envolvendo homens e mulheres, setores ecumênicos de juventude, comunidades eclesiais, e setores acadêmicos que têm se dedicado ao diálogo inter-religioso e tal experiência tem forjado novas perspectivas teológicas.

Os objetivos dessa nova movimentação teológica e pastoral, em linhas gerais, residem na articulação dos elementos fundantes da teologia latino-americana – como a sensibilidade espiritual com a defesa da vida, dos direitos humanos e da terra, especialmente os dos empobrecidos – com uma visão ecumênica, dialógica e de busca de uma fundamentação teológica do pluralismo religioso. Um longo e árduo caminho está ainda por ser trilhado.

Referências bibliográficas

AMALADOSS, Michel. *Pela Estrada da Vida: prática do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. *Missão e Inculturação*. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. *O Cosmo Dançante: um caminho para a harmonia*. Aparecida, SP: Santuário, 2007.

_____. *Jesus o Profeta do Oriente: imagem e representação do messias na tradição cristã, hindu e budista*. São Paulo: Pensamento, 2009.

ASETT (Org). *Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação*. Goiás: Rede, 2003.

_____. *Pluralismo e Libertação: por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental*. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Por uma Teologia Planetária*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BARROS, Marcelo. *O Sabor da Festa que Renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *O Sonho da Paz: a unidade nas diferenças – ecumenismo religioso e o diálogo entre os povos*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *A Dança do Novo Tempo: o novo milênio, o jubileu bíblico e uma espiritualidade ecumênica*. São Leopoldo: Sinodal; Cebi; São Paulo: Paulus, 1997.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Fases e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado”. In: LIMA, Degislano & TRUDEL, Jacques (Orgs.). *Teologia em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 285-332.

_____. (Org.). *Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo – três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC Rio, 2001.

TEIXEIRA, Faustino do Couto & DIAS, Zwinglio Motta. *Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível*. Aparecida, SP: Santuário, 2008.

TEIXEIRA, Faustino do Couto. *Teologia das Religiões: uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.

_____. (Org.). *Diálogo de Pássaros: nos caminhos do diálogo inter-religioso*. São Paulo: Paulinas, 1993.

_____. *O Diálogo Inter-religioso como Afirmação da Vida*. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *No Limiar do Mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TEIXEIRA, Faustino do Couto. *Nas Teias da Delicadeza: itinerários místicos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

VIGIL, José Maria. *Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.